

Lech Kowalski no DocLisboa

Histórias de Nova Iorque

O realizador de *D.O.A.* e *The Boot Factory* é este ano o homenageado do festival

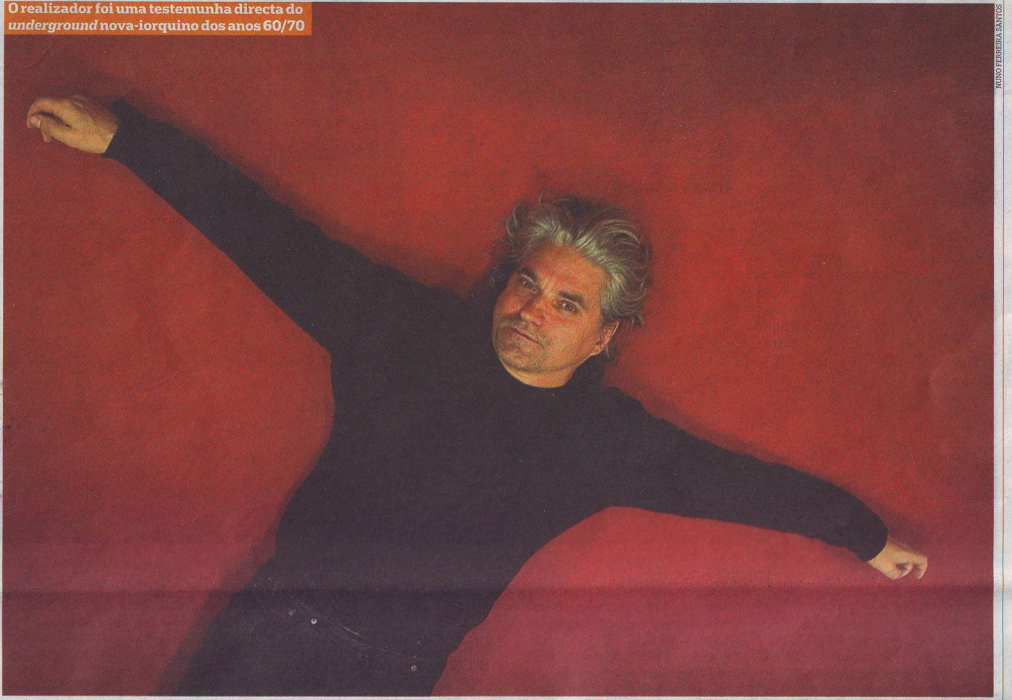
Luis Miguel Oliveira

● Lech Kowalski nasceu em 1950, em Inglaterra, filho de pais polacos emigrados na ressaca da II Guerra. Daí a família Kowalski seguiu para Nova Iorque, onde Lech cresceu. Testemunha directa do *underground* nova-iorquino dos anos 60/70, essa experiência está regularmente presente nos seus filmes. Assim como o *punk*: Kowalski foi o realizador de *D.O.A.*, o célebre filme sobre a digressão americana dos Sex Pistols. A propósito de uma retrospectiva da sua obra no DocLisboa o P2 falou com Lech Kowalski, numa conversa que seguiu sobretudo o rumo das suas memórias de Nova Iorque e dos anos 70. Já depois de desligado o gravador, comentou: "Sabe, é o meu mundo."

Nasceu em Inglaterra, filho de pais polacos, vive há muito tempo nos Estados Unidos. Em termos de nacionalidade, considera-se o quê?

Em termos culturais, talvez esteja mais à vontade com os EUA, sei certamente mais sobre a História americana do que sobre a História polaca. Mas falo polaco fluentemente, e ainda um pouco de russo e de ucraniano. Portanto, tenho um vínculo forte com a Europa. Os polacos, quando emigram, têm tendência a preservar os seus hábitos e tradições, abrem-se pouco ao novo ambiente. E os meus pais eram assim. Fui educado como polaco, só comecei a falar inglês com

O realizador foi uma testemunha directa do *underground* nova-iorquino dos anos 60/70



seis anos. Cresci como um polaco nos EUA, senti-me culturalmente esquizofrénico. Para mais, os polacos eram mal vistos. Havia os judeus e os negros - e depois os americanos brancos e "normais". Por isso, em miúdo, na escola, dei por mim a ter vergonha de ser polaco. Mais tarde, reflecti sobre isso. Cheguei a uma espécie de rejeição política da América. Fui contra a guerra do Vietname, mas a esquerda, como política, interessava-me pouco. Interessava-me como cultura. Portanto, agora, tenho laços sentimentais fortíssimos com a América, mas só lá quero ir para tratar de negócios, é um sítio perigoso para se viver. Acho que acabei por adoptar uma perspectiva europeia.

Disse que se interessava pela esquerda menos por razões políticas propriamente ditas do que por um universo cultural. Foi isso que o aproximou do punk? Sim. Mas não encerraria o punk numa cultura de esquerda estrita. Normalmente fala-se do punk por causa da música, mas o punk pode existir sem música. O movimento punk foi uma rebelião generalizada, uma recusa de várias coisas ao mesmo tempo, em várias direcções. Não sei se se faz muito sentido tratá-lo em termos de esquerda e direita. Politicamente, está mais próximo do anarquismo. É uma cultura do "contra", e como tal ainda é apelativo para muita gente nos nossos dias. São contra, mesmo sem saberem muito bem contra quê. Por outro lado, é apenas uma pequena

"O movimento punk foi uma rebelião generalizada, uma recusa de várias coisas ao mesmo tempo, em várias direcções. Não sei se se faz muito sentido tratá-lo em termos de esquerda e direita. Politicamente, está mais próximo do anarquismo. É uma cultura do 'contra', e como tal ainda é apelativo para muita gente nos nossos dias", diz Kowalski

parte da "cultura pop". O que é espantoso é que aquela vitalidade, aquele grito adolescente, ainda hoje encontre eco em muita gente.

Em D.O.A., a primeira canção dos Sex Pistols que se ouviu em *Anarchy in the UK*, na versão americanizada [*Anarchy in the USA*]. É curioso como se pode ler essa canção como uma visão perversa, ambígua, do que é ser uma "banda punk de sucesso",

estando o punk ancorado numa certa ideia de derrota, social mas também filosófica.

Foi justamente por isso que introduzi legendas com a letra da canção. É comum ouvir-se e compreenderem-se mal as letras das canções pop, muitas vezes temos tendência a construir outra canção, em vez da que realmente lá está. No caso dessa canção, acho que existe algum choque no momento em que nos apercebemos do que, de facto, a letra diz.

Há um livro de Greil Marcus, *Lipstick Traces*, que encontra a raiz do punk na Europa central, nos dadaístas e depois nos situacionistas. Que acha disso?

O punk é um fenómeno espantoso, que dá imensa vontade de analisar e de intelectualizar. Todos os anos sai mais um livro sobre o punk.

Acho muito interessante o livro de Marcus, mas tendo presenciado o princípio do movimento não acho que tenha sido uma coisa tão "heróica" como hoje parece. Era quase insignificante. As primeiras bandas punk, em Londres ou em Nova Iorque, foram vistas ao vivo no máximo por 5000 pessoas. Agora, o que teve foi um poder extraordinário, e acho que é nessa perspectiva que Marcus vai encontrar uma filiação.

Sei que se iniciou no cinema através do porno. Foi um acaso, ou viu no porno, que nessa época [anos 60/70] era ainda "pré-industrial", uma atitude semelhante à do punk?

A pornografia como tal nunca me interessou. Mas interessavam-me as pessoas que a faziam, e interessava-me aquele mundo. Era uma parte importante do circuito sócio-artístico de Nova Iorque nos anos 70. Foi uma época fervilhante na cidade. Muita gente foi para lá para de algum modo fugir da América. Não ir para o Vietname, por exemplo. E o que fizeram esses refugiados para sobreviver? Tornaram-se artistas, outros *strippers*, actores porno, prostitutos, etc. Muitas bandas da altura eram sustentadas pelas namoradas dos músicos, que se prostituíam, e isto é um facto. Economicamente, era fácil sobreviver em Nova Iorque, as rendas eram muito baratas. É um pormenor fundamental para perceber a Nova Iorque de 70. Talvez seja daí a sensação que temos, no mundo de Warhol por exemplo, de que existia uma aristocracia e um *lumpen*, mas, em vez de estarem em sítios diferentes, estavam todos...

... na mesma sala?

Sim, absolutamente. O *underground* tinha o seu próprio circuito económico. O porno, nessa época, era clandestino, dominado pelas máfias. Máfias verdadeiras. Gerard Damiano [o realizador de *Garganta Funda*] era um chefe de máfia, autenticamente. Mas o dinheiro circulava. Muita arte foi paga com dinheiro do porno ou com dinheiro da droga. Ficaria surpreendido se soubesse a quantidade de filmes nova-iorquinos que foram pagos

pela droga. Não vou dizer nomes, mas surpreendê-lo-ia.

Esse florescimento artístico acabou quando? Há quem ponha uma data certa: 1980, a vitória de Reagan.

E eu também. Estava na Europa e, quando soube que Reagan tinha ganho, disse: "Não volto à América." Mas logo a seguir veio a sida, que provocou uma razia. E o golpe de misericórdia foi a subida em flecha dos preços do imobiliário. Nova Iorque hoje tem muito pouco a ver com o que era nos anos 70.

Em *East of Paradise* articula memórias suas de Nova Iorque nos anos 70 com as memórias da II Guerra da sua mãe, que andou em bolandas entre os nazis e os gulags soviéticos. Noutros filmes recentes, como *Boot Factory* ou *Hitler's Highway*, filmou na Polónia. Preciso de chegar a dada altura na vida para lidar com as suas origens?

Há muito tempo que queria filmar a história da minha mãe, ou deixá-la contar em filme a sua história. Precisei de muito tempo para encontrar a maneira certa de o fazer. Quanto à abordagem das minhas raízes, é como uma necessidade que se foi acumulando. Qualquer coisa que eu precisava de fazer para me livrar dela e poder seguir em frente. Não é uma imagem bonita, mas é um bocado como quando vamos à casa de banho e saímos de lá aliviados. Tinha que me livrar de certas coisas e isso foi menos um imperativo intelectual do que físico.